



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARINA CANTÃO DE CARVALHO

**A VISÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O FENÔMENO DO
BULLYING E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS**

PORTO NACIONAL

2022

MARINA CANTÃO DE CARVALHO

**A visão dos estudantes do Ensino Médio sobre o fenômeno do Bullying e suas
consequências sociais**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de Bacharel, sob orientação da Prof. (a) Dr. (a) Liza Aparecida Brasília.

PORTO NACIONAL

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C331v Carvalho, Marina Cantão de.
A visão dos estudantes do Ensino Médio sobre o fenômeno do Bullying e suas consequências sociais. / Marina Cantão de Carvalho. – Porto Nacional, TO, 2022.
34 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2022.
Orientadora : Liza Aparecida Brasília
1. Bullying nas escolas. 2. O que é o fenômeno do Bullying. 3. Quem são os envolvidos na prática do Bullying. 4. Consequências sociais decorrentes da prática do Bullying. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente meus pais, Graças Cantão e Antônio Coelho, que nunca mediram esforços para que eu concluísse minha graduação, sempre me garantindo não apenas todo o suporte necessário em todos os momentos possíveis, mas também por me terem tido o toda a paciência e compreensão do mundo ao longo de todos esses anos.

Ao corpo docente de Ciências Sociais, em especial minha orientadora Liza Brasília, a qual admiro imensamente, por ter me dado todo o apoio do início ao fim da construção deste artigo e me mostrou que era possível acreditar no meu próprio potencial.

Aos meus colegas de graduação, pela troca que tivemos ao longo dessa longa jornada, a qual foi fundamental para o meu crescimento não apenas como cientista social, mas também como ser humano.

Aos meus amigos Fofuquers e Kitnet, que mesmo à distancia sempre me ajudaram com palavras gentis e confortadoras, assim como também fizeram meus dias mais leves e divertidos.

Finalmente, ao meu esposo Gabriel Nascimento, que esteve ao meu lado no decorrer desse processo com seu apoio, carinho e entusiasmo, sempre me incentivando a continuar e a olhar para frente, mesmo quando eu pensei em desistir. Graças à ele, não o fiz.

RESUMO

Nas últimas duas décadas, o questionamento sobre o que é o fenômeno do bullying e como o mesmo acontece tem ganhado força, tendo em vista o número de casos que ocorrem no Brasil e no mundo. Esse assunto ganha ainda mais repercussão quando vemos notícias sobre massacres ocorridos em âmbito escolar, e a principal motivação é justamente o bullying sofrido ao longo dos anos. Este artigo tem como principal objetivo observar qual é a visão dos alunos do Centro de Ensino Médio Felix Camoa sobre o fenômeno do bullying e como eles lidam com ele no dia a dia, bem como se há alguma consequência em suas relações sociais e se há alguma forma de conscientização e combate dessa prática no ambiente escolar.

Palavras-chave: Violência; bullying; escola.

ABSTRACT

In the last two decades, the questioning about what is the phenomenon of bullying and how it happens has gained strength, in view of the number of cases that occur in Brazil and in the world. This issue gains even more repercussion when we see news about school massacres, and the main motivation is precisely the bullying suffered throughout the years. The main objective of this article is to observe what is the view of students from the Felix Camoa High School about the phenomenon of bullying and how they deal with it on a daily basis, as well as if there are any consequences in their social relationships and if there is any way to raise awareness and combat this practice in the school environment.

Key-words: Violence; bullying; school.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O QUE É BULLYING?	10
3. BULLYING: CONCEITO E DEFINIÇÃO	12
4. QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS?	14
5. O AGRESSOR.....	15
6. AS VÍTIMAS	17
7. AS TESTEMUNHAS	18
8. O MEIO ESCOLAR	19
9. OS CAMINHOS DA PESQUISA	22
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32

MARINA CANTÃO DE CARVALHO¹

1. INTRODUÇÃO

O questionamento sobre o que é a violência e como se configura é uma indagação que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade atual, visto que se tornou recorrente presenciarmos episódios de violência física, psicológica e simbólica no meio em que vivemos. Quando refletimos sobre violência, primeiramente devemos considerar que a mesma não é necessariamente um tema novo, pois a violência existe desde o início da chamada civilização humana, bem como possui diversas vertentes, que, ao longo dos anos, passaram a ser estudadas mais a fundo (COSTA; NERES, 2008). Quando trazemos este tema à tona, temos que considerar também suas nuances, visto que, segundo Paviani (2016) o conceito de violência é tão amplo que dificilmente as classificações abrangem todas as formas. Embora o termo “violência” inevitavelmente remeta à agressão física, e força usada contra outra pessoa, pois é sua forma mais explícita, o termo não trata exclusivamente disso. Assim,

Entre as formas de violência, é possível mencionar a violência provocada e a gratuita, a real e a simbólica, a sistemática e a não sistemática, a objetiva e a subjetiva, a legitimada e a ilegítimada, a permanente e a transitória. A enumeração dessas formas é atualmente problemática. Na realidade, essa relação apenas tem um objetivo didático, isto é, a possibilidade de ver melhor o fenômeno. Assim, temos a guerra, a revolução, o terrorismo, o genocídio, o assassinato, o crime organizado, a violência urbana, a violência contra a criança, contra o adolescente, contra a mulher; o estupro, o assédio sexual, o bullying, o vandalismo. (PAVIANI, 2016, p. 11).

Portanto, não é exagero dizer que este termo possui diversas formas, e tendo isso em mente, torna-se necessário delinear qual a categoria trabalhada no presente trabalho; abordamos a violência na escola, mais conhecida como bullying.

O termo “bullying” origina-se da palavra “bully”, que em inglês tem como significado “valentão” ou “brigão”. Desta forma, bullying caracteriza-se como “bancar o valentão contra alguém” (RAMOS, 2008). Este fenômeno foi analisado pelo pesquisador norueguês Dan Olweus (1993, p.9), que delimitou características para a sua distinção, afirmando que "um estudante é agredido ou vitimizado quando é exposto repetida e frequentemente a ações

¹ Graduanda no curso de Ciências Sociais – Bacharelado na Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional. Artigo apresentado à UFT para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais sob orientação da Professora Doutora Liza Brasília.

por parte de um ou mais colegas seus." Essas ações se revelam em diversas formas de violência, como a física, que consiste em submeter a vítima a tapas, socos, chutes, empurrões etc., assim como a verbal, que consiste em xingar, ofender, ameaçar e ridicularizar a vítima.

Segundo Silva e Costa (2016), essas agressões causam danos físicos e psicológicos às vítimas, que tendem a perder sua autoestima, desenvolvendo tensão, estresse, ansiedade e depressão, levando a isolar-se do mundo exterior. Todos esses fatores afetam não só as relações sociais como também afetam o rendimento escolar, pois esses alunos passam a faltar às aulas, deixam de participar das atividades propostas pela escola ou mesmo acabam por desistir de frequentá-la.

Este trabalho teve como principal objetivo analisar e discutir a ocorrência desse fenômeno no ambiente escolar – sobretudo na instituição que foi selecionada – e quais são suas características e como elas se manifestam, visto que este assunto tem ganhado espaço durante as duas últimas décadas, especialmente em razão de massacres que ocorreram em âmbito escolar e que acabam por trazer à tona a discussão sobre os efeitos do bullying sobre os estudantes. Cabe destacar que o foco deste trabalho é compreender qual é a visão dos estudantes da instituição escolhida sobre o bullying, e, portanto, também se espera analisar como estes alunos lidam com esta questão.

2. O QUE É BULLYING?

O bullying é um ato de manifestação violenta de um ou mais indivíduos contra outro que tem sido cada vez mais frequente nas instituições de ensino no mundo inteiro, inclusive nas brasileiras. O bullying, que se manifesta tanto na forma de violência física quando verbal e se dá através de uma assimetria de poder entre um ou mais estudantes, assombra muitos jovens que estão passando pela fase das descobertas e autoconhecimento, gerando assim, medos e inseguranças, bem como queda no rendimento escolar, além de desencadear inúmeros outros distúrbios que levam as vítimas a se isolarem do resto dos colegas (PIGOZI; MACHADO, 2015).

Em alguns casos, este assunto só acaba por se tornar pauta para um debate mais profundo na sociedade, especialmente entre pais, alunos e professores, quando se personificam em casos extremos como o massacre de Columbine High School², nos Estados Unidos, ou quando a vítima acaba por tirar a própria vida com o objetivo de se livrar desse tipo de violência, que para ela é insustentável.

De acordo com Lopes Neto (2005), a prática do bullying é vista como uma mera brincadeira inocente entre os jovens e, portanto, na maioria das vezes é ignorada não só pela instituição de ensino, mas também pela família.

Sabe-se também, que em muitos casos, as agressões sofridas pelas vítimas são fruto de uma discriminação por parte do agressor. Para Donatoni (2013), o fenômeno do bullying também:

é reflexo da intolerância na sociedade se dá em meio as transformações, sociais, econômicas e comportamentais, as quais representam um grande desafio aos ambientes escolares, pois vivemos em uma sociedade em que as relações humanas são marcadas pela desigualdade e exclusão social, que nos leva para o desconhecimento do outro.

Dessa forma, pode-se dizer que esse “desconhecimento” citado por Donatoni pode gerar estranhamento e até mesmo um comportamento agressivo sobre outras pessoas, que podem ser mulheres, negros, indígenas ou pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAP+, pois em alguns casos, estes têm características diferentes das características do agressor.

É de suma importância a investigação acerca desse tema, mostrando-o como um problema social a ser tratado, uma vez que o ato do bullying gera inúmeros transtornos para a vítima, visto que cada indivíduo tem uma história e uma personalidade. Mais importante ainda

é o debate que deve ser levantado pela instituição de ensino, bem como a conscientização acerca deste tema tão delicado, ressaltando o respeito que deve existir de forma mútua entre os alunos, incentivando a aceitação das diferenças, necessidades e limites de cada um, pois só assim a escola será um lugar agradável tanto para os docentes quanto para os discentes, pois estes últimos se sentirão muito mais acolhidos e encorajados a continuar participando das atividades propostas pela instituição.

²O Massacre de Columbine ocorreu em 20 de abril de 1999, na Columbine High School, no estado do Colorado, nos Estados Unidos, onde dois alunos da instituição, Eric Harris, de 18 anos e Dylan Klebold de 17 anos, mataram treze alunos e um professor e, após um confronto com a polícia, se suicidaram.

3. BULLYING: CONCEITO E DEFINIÇÃO

O termo “bullying” origina-se da palavra “bully”, que em inglês tem como significado “valentão” ou “brigão”. Desta forma, bullying caracteriza-se como “bancar o valentão contra alguém.” (RAMOS, 2008). Em outros países, como Portugal, por exemplo, o bullying recebe o termo de “maus tratos entre pares”. Na Noruega e Dinamarca, é conhecido como “mobbing”, que significa tumultuar. Na Itália, chama-se “prepotenza”. Na Espanha, emprega-se o termo “intimidación” e, no Japão, utiliza-se “yjime” (FANTE, 2005). No Brasil, pelo fato de não haver um termo que possa dimensionar ou expressar de forma rápida e concisa este ato, usa-se o termo em sua língua de origem (XAVIER, 2015).

Este fenômeno ocorre, na maioria das vezes no espaço escolar, envolvendo, dessa forma, crianças e adolescentes. Essa situação de maus-tratos entre pares passou a chamar atenção e com o tempo, passou a ganhar mais notoriedade, de forma que, a partir dos anos 1970, pesquisadores vêm desenvolvendo estudos sobre o tema, para que possa ser compreendido e combatido com maior eficácia.

Foram nos anos 1982, quando três alunos com idades entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, que o assunto ganhou maior notoriedade, visto que a causa da morte desses jovens foi atribuída ao bullying (LEÃO, 2010). Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, um dos pioneiros na pesquisa do bullying escolar, analisou o tema de forma que pudesse delimitar e estabelecer critérios que pudessem facilitar a identificação do fenômeno. Dessa forma, Olweus deu início a uma pesquisa, entrevistando cerca de 84.000 alunos, 400 professores e 1.000 pais de alunos, tendo como principal objetivo observar as taxas de bullying e como o mesmo acontecia entre os alunos. Foi através desse estudo que se observou que um a cada sete alunos estava envolvido com o bullying, o que gerou uma Campanha Nacional neste país, levando à queda das ocorrências do bullying em até 50%, além de incentivar outros países a aderirem a essa campanha em combate ao bullying (LEÃO, 2010).

O questionário aplicado por Olweus foi adaptado não só nesses países, mas também no Brasil, tendo sua versão adaptada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência (ABRAPIA). Entre 2000 e 2004, a associação pôde constatar que 40,5% dos alunos estavam envolvidos em situação de bullying.

Nesta pesquisa foram ouvidos 5.800 alunos de instituições cariocas, duas particulares e nove públicas, de 5ª a 8ª série do antigo ensino fundamental. Desse total, 40,5% dos estudantes admitiram que estiveram diretamente envolvidos em atos de bullying em 2002, sendo que 16,9% se identificaram

como alvos, 12,7% como autores e 10,9% autores e alvos. Os outros 57,5% negaram ter participado de situações de bullying. (QUINTANILHA, 2011, p. 37).

Dan Olweus (1997) afirma que o bullying acontece quando o sujeito "[...] é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de um ou mais outros estudantes." (OLWEUS 1997, p. 496 apud SILVA; COSTA, 2016, p. 642). Esta prática pode, ainda, ter ou não um motivo aparente. Ainda de acordo com Olweus (1998), a prática do bullying pode ocorrer de três maneiras: a primeira delas é a violência física, que consiste agressões “moderadas”, como tapas, socos, chutes, pontapés, empurrões, até as mais graves, que podem envolver quaisquer tipos de armas, como facas, estiletes, canivetes, armas de fogo, entre outros; a segunda é a violência verbal, que envolve xingamentos, humilhações públicas, degradação, rebaixamento e etc; e por fim, a terceira forma de violência é a social, que abrange fofocas e mentiras acerca da vítima, causando, dessa forma, sua exclusão de seu círculo social.

Com o constante desenvolvimento da tecnologia e, sobretudo da internet nos últimos dez anos, surgiu também uma nova categoria: o cyberbullying. De forma geral, este fenômeno pode ser compreendido como um meio de violência que ocorre no âmbito virtual. Para Campbell (2005), esse novo fenômeno consiste em praticar a violência através do meio virtual, sendo utilizado por crianças e adolescentes para ofender uns aos outros. Para tal, são utilizadas como ferramentas as redes sociais, assim como mensagens de texto, e-mails, vídeos e fotos degradantes, com o objetivo de humilhar e desmoralizar a vítima.

Um ponto que gera preocupações é o de que nem sempre o agressor revela sua verdadeira identidade na rede, escondendo-se atrás de um perfil falso, tendo, assim, maior liberdade para exercer essa prática sem que seja descoberto. Este ato tende a dificultar sua identificação e punição. Portanto, deve-se observar que mesmo que o bullying ocorra no mundo real e o cyberbullying, no virtual, este segundo possui consequências tão graves quanto o primeiro (FANTE; PEDRA, 2008).

4. QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS?

Uma vez que explicamos o que é o bullying e como se caracteriza, precisamos agora estabelecer quais indivíduos fazem parte dessa dinâmica, pois são eles que vivenciam esse fenômeno no ambiente escolar. Sendo assim, o bullying pode contar com três indivíduos: o agressor, a vítima e a testemunha.

5. O AGRESSOR

Os agressores – que podem ser de ambos os sexos – são aqueles que exercem um papel de intimidação sobre a vítima. De acordo com Lisboa, Braga e Ebert (2009, p. 62), essas intimidações “envolvem abuso de poder e ocorrem sem motivação aparente, ou seja, sem motivo legítimo.”

Na escola os bullies (agressores) fazem brincadeiras de mau gosto, gozações, colocam apelidos pejorativos, difamam, ameaçam, constrangem e menosprezam alguns alunos. Furtam ou roubam dinheiro, lanches e pertences de outros estudantes. Costumam ser populares na escola e estão sempre enturmados. Divertem-se à custa do sofrimento alheio (SILVA, 2012, p. 10 apud SLOBODZIAN; HUBNER –sem ano- p. 8).

Esse desequilíbrio de poder que está relacionado ao bullying pode ser gerado por diferenças físicas (peso, estatura, cor), ideológicas, sociais, culturais e afins, gerando, dessa forma, agressões às vítimas³. No que diz respeito à personalidade do agressor, Silva (2010) aponta que os agressores:

possuem traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. [...] Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles. (SILVA, 2010, p. 43 apud MEDEIROS, 2012, p. 29).

Entretanto, é imprescindível ressaltar que a descrição citada acima não deve ser generalizada, pois Silva (2010) estigmatiza o agressor. No que diz respeito ao estigma, o termo era utilizado na Grécia Antiga para indicar criminosos, escravos ou traidores, pois estes estavam marcados. O estigma social provém de uma relação de cobrança de estereótipos sociais cobrados entre os indivíduos em relação aos atributos de uma pessoa (REBOUÇAS, 2008).

³ É importante destacar que essas observações foram feitas em estudos acerca de agressores e vítimas, bem como estudos que tem como principal objetivo delimitar as tipologias de vítimas. (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009, p. 63).

Dessas acepções, podemos ressaltar que não é porque o estudante é um agressor que o mesmo terá estas características ou serão criminosos, ou mesmo porque este estudante adota práticas delituosas e se irrita facilmente ao ser contrariado que o mesmo deverá ser visto como um agressor. Identificar as personagens do bullying vai além dos estigmas perpetuados por estes autores. Não significa que apenas observando o estudante em sala de aula e identificando alguma destas características apresentadas já poderá considerá-lo como um agressor. Este é o principal perigo da banalização deste assunto. Devemos ficar atentos a isso no processo de identificação das manifestações do bullying em determinada instituição de ensino. (MEDEIROS, 2012, p. 29).

6. AS VÍTIMAS

Dan Olweus (1993) classifica as vítimas em três formas: as passivas ou típicas, as provocadoras e as vítimas-agressoras. Segundo Bandeira e Hutz (2010), “as vítimas que são constantemente abusadas caracterizam-se por um comportamento social inibido, passivo ou submisso.”

Medeiros (2012) aponta, no que se refere às vítimas provocadoras, estas são definidas como aquelas que se mostram agressivas diante de colegas que aparentam ser mais fracos, bem como também podem vir a discutir ou brigar quando são insultadas.

A vítima-agressora, por sua vez, é aquela que experimenta o bullying de duas formas: ao mesmo tempo em que é vítima, ela também é agressora. Ainda de acordo com Medeiros (2012), essa vítima “desconta as agressões sofridas em outros colegas mais fracos como forma de vingança e/ou compensação.”

É importante frisar que, de qualquer forma, essas vítimas carregarão traumas das agressões sofridas, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais, podendo afetar não só seu rendimento escolar, mas também sua interação social. Fante (2005) analisa que

na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar. (FANTE, 2005, p. 16 apud MEDEIROS, 2012, p. 32).

7. AS TESTEMUNHAS

As testemunhas são constituídas por alunos que presenciam o ato de violência contra determinada vítima. Silva (2010) distingue essas testemunhas em três grupos: passivas, ativas e neutras. As passivas não reagem ao presenciar uma agressão por medo de se tornar uma vítima, ou seja, embora não concordem com o ato violento, não se posicionam (MEDEIROS, 2012).

As testemunhas ativas são aquelas que encorajam a violência que presenciam, dando incentivo ao agressor para que continue a realizar as agressões contra suas vítimas (MEDEIROS, 2012).

As testemunhas neutras são aquelas que não demonstram empatia e nem procuram ajudar a vítima ou intervir na situação, se permitindo, dessa forma, a ficarem omissas diante de uma cena de agressão (MEDEIROS, 2012).

Cabe ressaltar que essas características pontuadas são do âmbito dos estudos psicológicos e resumidas aqui apenas para uma breve caracterização dos indivíduos envolvidos na prática do bullying, sem ser o foco e interesse dos nossos estudos, pois estes estão voltados para as questões sociais.

8. O MEIO ESCOLAR

O âmbito escolar é um meio em que o poder simbólico predomina, sendo ele utilizado tanto por funcionários da instituição como forma de impor sua autoridade quanto pelos alunos, na intenção de se sobrepor sobre os demais (MEDEIROS, 2012). Souza (2014), ao explicar o conceito de campos, de Bourdieu, afirma que estes são microcosmos autônomos, espaços sociais em que se é jogado um jogo, no qual um capital específico, que faz sentido apenas àqueles que jogam o jogo, é a recompensa. No caso da escola, o que está em jogo é o poder simbólico de quem domina aquele campo, sejam funcionários, gestores, educadores ou até mesmo estudantes. Neste jogo, as experiências e condições individuais dão vantagens ou desvantagens a cada um, e dividem os agentes em grupos que colaboram entre si.

Cada campo impõe um preço de entrada tácito: ‘Que não entre aqui quem não for geômetra’, isto é, que ninguém entre aqui se não estiver pronto a morrer por um teorema. Se tivesse de resumir por meio de uma imagem tudo o que acabo de dizer sobre a noção de campo e sobre a *illusio*, que é tanto condição quanto produto do funcionamento do campo, evocaria uma escultura que se encontra na catedral de Auch, em Gers, sob os assentos do capítulo, e que representa dois monges lutando pelo bastão de prior. Em um mundo como o universo religioso, e sobretudo o universo monástico, que é o lugar por excelência do *Ausserweltlich*, do supramundano, do desinteresse no sentido ingênuo do termo, encontramos pessoas que lutam por um bastão que só tem valor para quem está no jogo, preso ao jogo. (BOURDIEU, 1996, p. 141 apud SOUZA, 2014, p. 7).

Além da divisão, essas diferenças também criam uma hierarquia social entre dominantes e dominados, em que os dominantes muitas vezes se utilizam de formas de violência física e/ou verbal como forma de repressão aos dominados. Dentro deste meio, os dominantes geralmente são aqueles que se encontram dentro da conformidade do campo, seja ela física, étnica, social, econômica, cultural, religiosa, ideológica ou sexual.

Os dominados, por outro lado, são aqueles que estão fora da “norma” daquele meio, e a repressão é aplicada com o objetivo de normatizar ou padronizar os grupos dentro do que é considerado comum ou “normal” naquela sociedade em que os agentes se encontram.

Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Através da representação se travam batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder. (...) o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos,

ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder. (SILVA, 1998 apud LOURO, 2000, p. 6).

Os grupos dominantes, a partir dessa validação ou normatização, passam a falar por si e pelos grupos dominados, e tentam impor seus regimentos aos outros grupos. Como exemplo, as relações de poder ligadas à sexualidade. Crianças e adolescentes aprendem, desde pequenos, seja pelos pais, responsáveis, professores ou pela mídia que consomem, que a heterossexualidade e os papéis cis normativos de gênero são as normas que devem ser seguidas. Ao se deparar, na escola, com uma outra criança, seja um menino mais “afeminado” ou uma menina mais “masculinizada”, a criança educada em padrões de sexualidade e gênero impostas desde o nascimento tende a vê-la como “anormal” ou “esquisita” e, sem a orientação correta por parte de responsáveis e educadores, pode passar a aplicar a violência, verbal ou física, em ordem de dominar aquela pessoa diferente, considerada como “anormal” ou “inferior”.

Louro (2000) aponta também que muitas vezes a própria escola institucionaliza ou incentiva essa forma de repressão. Ela descreve o processo como pedagogia da sexualidade, um disciplinamento de corpos feito com o objetivo de produzir uma masculinidade em meninos e feminilidade em meninas. “Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura.”

Existiam (e, sem dúvida, existem) algumas referências e critérios para discernir e decidir o quanto cada menino ou menina, cada adolescente e jovem estava se aproximando ou se afastando da "norma" desejada. Por isso, possivelmente, as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se refletem nos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, às experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2000, p. 8).

A homofobia (ou, falando de forma mais abrangente, LGBTfobia), segundo Louro (2000), é consentida e ensinada nas escolas, e se expressa pelo afastamento, desprezo e exposição ao ridículo. O mesmo acontece com outras formas de repressão, tais quais o capacitismo, racismo e misoginia. Neste ponto, pode-se afirmar, também, que o meio escolar, apesar do dever de acolher e assegurar a identidade e integridade dos estudantes, incentiva e dá, aos agressores, as ferramentas necessárias para a prática do bullying.

Mas, diferente das outras condições aqui apresentadas como alvos de violência, o indivíduo LGBTQIAP+ tem formas de disfarçar sua condição e “ser aceito” nos grupos

dominantes. Louro afirma que as identidades e práticas sexuais distintas podem ser aceitas, desde que feitas em absoluto sigilo, em segredo e apenas na intimidade da pessoa.

O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não-legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo. Na política de identidade que atualmente vivemos serão, pois, precisamente essas formas e espaços de expressão que passarão a ser utilizados como sinalizadores evidentes e públicos dos grupos sexuais subordinados. Aí se trava uma luta para expressar uma estética, uma ética, um modo de vida que não se quer "alternativo" (no sentido de ser "o outro"), mas que pretende, simplesmente, existir pública e abertamente, como os demais. (LOURO, 2000, p. 17).

O meio escolar, portanto, deve ser entendido não apenas como um espaço ou campo em que a violência ocorre, mas também como um facilitador e incentivador da violência a grupos minoritários, que tendem a ficar, para o resto da vida, com marcas de experiências negativas ou até traumáticas.

9. OS CAMINHOS DA PESQUISA

A instituição escolhida para fazer a pesquisa de campo foi o Centro de Ensino Médio Félix Camoa I, situada no bairro Vila Nova, na cidade de Porto Nacional, Tocantins. Segundo dados do Plano Político Pedagógico (PPP) da instituição, atualizado pela última vez no ano de 2019, a instituição, que foi inaugurada em 10 de junho de 1974, atende 177 alunos, no período integral divididos em três turmas de 1ª ano do ensino médio, três turmas de 2º ano do ensino médio e duas turmas de 3º ano do ensino médio, totalizando, dessa forma, oito turmas (PPP, 2019).

A instituição conta com uma equipe de 50 funcionários, sendo 33 administrativos, destes 05 estão remanejados. Conta também com 17 professores regentes, devidamente qualificados e habilitados para desenvolver tal função, de forma que prioriza-se a formação intelectual e cidadã dos alunos (PPP, 2019).

Para a realização deste trabalho foram escolhidas as duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio, visto que estes alunos já estão terminando a educação fundamental. A média de idade varia entre 16 a 18 anos e possuem melhor entendimento acerca do tema que foi discutido.

A natureza deste trabalho é explicativa, que segundo Gil (2002, p. 42), tem como objetivo: “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.” Ou seja, este trabalho tem como principal objetivo esclarecer se o fenômeno do bullying ocorre e quais são as possíveis consequências sociais causadas por este fenômeno nos estudantes. Procura-se compreender também como isso afeta as relações entre os indivíduos que sofrem esse tipo de violência.

A natureza deste trabalho também é de cunho qualitativo. Uma pesquisa qualitativa possui algumas características, citando uma delas como exemplo, a análise de fenômeno no contexto em que o mesmo ocorre. Para que isso aconteça, o pesquisador deve ir a campo, na intenção de perceber como o fenômeno se dá, quais indivíduos estão envolvidos, bem como suas perspectivas acerca do assunto em questão, no caso, o bullying na escola (GODOY, 1995). Ainda de acordo com Godoy (1995, p. 21):

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Portanto, foram utilizadas algumas técnicas para o embasamento da metodologia, que serão apresentadas a seguir. Essa categoria de pesquisa geralmente responde algumas questões que uma pesquisa quantitativa geralmente não saberia responder. Segundo Minayo (2012, p. 21):

Ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Por este motivo a escolha desta categoria metodológica se faz importante, visto que, ainda segundo Minayo (2012, p. 11):

A metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).

Por meio desta metodologia verificamos se o bullying é ou não recorrente na vida desses jovens, além de descobrirmos a origem deste problema e como é visto pelos próprios jovens, além dos efeitos que este ato pode causar na vida dos estudantes e em suas relações sociais.

Ainda no que se refere à metodologia escolhida para desenvolver este trabalho, foi utilizada a técnica de grupo focal, que é uma das variadas formas de coletar dados através de interações grupais, especialmente quando o assunto é trazido à tona pelo pesquisador. Segundo Gondim (2003), como técnica, o grupo focal ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade.

Ainda de acordo com Gondim (2003, p 152):

O uso dos grupos focais está relacionado com os pressupostos e premissas do pesquisador. Alguns recorrem a eles como forma de reunir informações necessárias para a tomada de decisão; outros os vêem como promotores da auto-reflexão e da transformação social e há aqueles que os interpretam como uma técnica para a exploração de um tema pouco conhecido, visando o delineamento de pesquisas futuras.

Uma das características mais importantes do grupo focal é a quantidade de participantes, que na maioria dos casos, não passa de 12, pois, dessa forma, garante-se a interação de todos

ali presentes, incentivando, desse modo, a conversa entre os participantes. Segundo Barbosa (2008, p. 3):

Os participantes de um GF são incentivados a conversar entre si, trocando suas experiências, relatando suas necessidades, observações, preferências, etc. A conversação é conduzida por um moderador, cuja regra central é incentivar a interação entre os participantes. O moderador incentiva a participação de todos, evitando que um ou outro tenha predomínio sobre os demais, e conduz a discussão de modo que esta se mantenha dentro do(s) tópico(s) de interesse. O objetivo principal de qualquer GF é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão.

A duração da atividade pode se estender por até 90 minutos, utilizando como guia até cinco tópicos acerca do assunto a ser discutido, no caso, o bullying.

Portanto, foi formado um grupo focal com quatro alunos, sob supervisão dos coordenadores pedagógicos da escola, que foram cuidadosos no que se refere à preparação do espaço e recrutamento dos participantes, para que eles não se sentissem envergonhados ou limitados no momento de se expressarem acerca do tema proposto. Segundo Borges e Santos (2005, p. 76), no que se refere ao roteiro utilizado na condução do grupo focal:

O roteiro de entrevista contém em suas questões os temas-chave a serem investigados. A seqüência dos temas é normalmente ordenada, primeiramente, por questões gerais e, em seguida, por questões específicas. Tal ordenação permite que os elementos essenciais apareçam de forma mais natural. A preparação desse roteiro exige a análise cuidadosa dos objetivos da investigação.

Utilizou-se também como metodologia a observação participante durante um ato de conscientização sobre o bullying na escola, promovido por uma das turmas do terceiro ano. A observação participante se faz importante, pois através dela é possível perceber alguns fenômenos que dificilmente seriam captados em entrevistas, por exemplo (MINAYO, 2001).

De acordo com Minayo (2001, p. 59):

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto.

Dessa forma, no dia 10 de abril de 2019 os alunos da turma 33.02 se prontificaram em oferecer um pequeno seminário com o propósito de conscientizar os colegas acerca do bullying. Vale ressaltar que esta iniciativa partiu dos próprios alunos da turma, visto que ficaram consternados a respeito do massacre ocorrido na Escola Estadual Raul Brasil⁴, localizada na cidade de Suzano (SP), no dia 13 de março de 2019. Um grupo de alunos foi designado para conduzir a roda de conversa com os próprios colegas de classe, que se iniciou com o seguinte questionamento: “O que é bullying para você?” Alguns responderam: “chacota com os outros”, “ridicularização pelas costas”, “piadas sem graça sobre os outros” “apelidos que magoam” e até mesmo “morte”, em referência a massacres como os da Escola Estadual Raul Brasil ou Columbine High School.

Os organizadores apresentaram cartazes divididos em tópicos para que a explicação acerca do tema ficasse mais didática para os colegas. Desta forma, trouxeram os conceitos de bullying e como surgiu, bem como algumas de suas principais categorias, já abordadas anteriormente no presente trabalho, sendo elas: verbal, físico e virtual, apresentando também exemplos de como essas agressões se caracterizam.

Logo após a apresentação das categorias, os alunos foram perguntados se já sofreram bullying, todos levantaram as mãos, em um sinal positivo, bem como também levantaram as mãos positivamente quando foram perguntados se já praticaram o ato.

Alguns deles relataram que absorveram o bullying que sofreram e preferiram se isolar. Outros relataram que depois de conversar com os pais ou amigos, se sentiram melhores consigo mesmos, se libertando dos estigmas que criaram sobre si mesmos devido às agressões que sofreram, como é o caso de uma aluna que relatou sobre o fato de ser alvo de gozações por ser muito baixa. Ela relata que, ao ser chamada de apelidos dos quais não gostava, de forma repetitiva por colegas de classe, se sentia triste e desgostosa sobre a própria aparência, porém decidiu conversar com a mãe, que a aconselhou e a confortou, e afirma que esse contato a fez se sentir muito melhor consigo mesma.

Outra aluna também relatou que se sentiu pressionada a alisar os cabelos, visto que na

⁴ O Massacre de Suzano ocorreu em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, onde dois ex-alunos da instituição, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola. Minutos antes de iniciarem o ataque, Guilherme matou seu tio dentro do estabelecimento do mesmo. Após o massacre, Guilherme também matou seu comparsa, Luiz Henrique, e depois cometeu suicídio.

escola onde ela estudou anteriormente a maioria das meninas possuía o cabelo liso, e que isso fazia dela um alvo de brincadeiras que a deixava desconfortável com sua própria aparência. O cabelo crespo e a identidade que está atrelada a ele é um tema discutido por Oliveira e Mattos (2019, p. 450):

Para mulheres negras, alisamentos e tratamentos capilares que têm como referência ideais de beleza brancos operam, conscientemente ou não, afastamentos em relação aos seus antepassados negros/as. Os cabelos das mulheres negras na sociedade brasileira dizem respeito ao conflito social presente nas relações sociais. Ao ouvirem que seu cabelo é "ruim", as mulheres negras estão sendo também interpeladas em sua identidade. Por sua vez, a decisão por abandonar tratamentos capilares embranquecedores e assumir cuidados que incluem colorir, raspar, trançar e enfeitar os cabelos com adereços da cultura negra tem sido narrada por mulheres negras como processos acompanhados de experiências de autonomia e de ressignificação de suas identidades.

A professora Fernanda, que supervisionou a roda, aproveitou esse gancho deixado por suas alunas para destacar a importância da aceitação das diferenças. Fernanda afirmou que a fase escolar é o momento em que todos têm a mesma experiência: lidar com as diferenças de cor, religião, classe social, dentre muitas outras e respeitá-las. A professora ainda menciona o quanto essas diferenças se fazem importantes, pois dessa forma, eles estarão aptos a respeitar não só os colegas em classe, mas todas as pessoas que estão em sociedade de forma que não julguem ou menosprezem os demais.

Já no final da roda, os estudantes foram questionados se, em alguma ocasião, chegaram a falar com as pessoas que os apelidavam e muitos disseram que sim. Um aluno relatou que recebia um apelido que o deixava triste e até mesmo desgostoso com a própria aparência, e resolveu conversar com a pessoa que fazia isso. Em seu depoimento, o rapaz se desculpou e disse que não faria mais aquilo – e segundo o aluno, o rapaz realmente não o fez. Os outros estudantes relataram situações semelhantes, nas quais eles sentaram para conversar com aqueles que lhes davam apelidos dos quais eles não gostavam. Com isto, nota-se que há um diálogo entre ambas as partes, gerando um acordo para que ambos convivam em paz dentro do ambiente escolar. Porém, cabe questionar se o fenômeno relatado pelos alunos era, de fato, bullying ou brincadeiras de mau gosto, visto que, como foi dito anteriormente, o ato do bullying está ligado à intimidação contínua de uma ou mais pessoas sobre a outra. E também se realmente as atitudes foram transformadas de forma pacífica, como o relatado.

O mesmo seminário foi levado para a turma 33.01, tendo iniciado com a questão: “O que é bullying para você?”. Poucos alunos responderam, com os termos “maldade” “chacota

com os colegas” e “falta de respeito”. Quando foram perguntados se já sofreram bullying, todos levantaram a mão, em sinal positivo. Pouco mais da metade levantou as mãos quando questionados se já praticaram.

O depoimento do aluno João sensibilizou os colegas devido ao fato dele ter levantado a questão da automutilação. Em seu depoimento, João afirmou que sua melhor amiga se machucava fisicamente de forma proposital, de forma que pudesse, de alguma maneira, aliviar suas dores emocionais que foram causadas, a princípio, pelo bullying que sofreu dentro da escola. Ele afirmou que a melhor coisa a se fazer num momento como esse é fornecer todo o apoio que a pessoa precisar e aconselhou a amiga a procurar uma ajuda profissional. João também afirmou que, quando uma pessoa possui pensamentos de autodestruição e até mesmo suicídio, sua intenção não é dar um fim à própria vida, e sim ao sofrimento pelo qual está passando e que a compreensão da família é essencial nesse momento. A partir deste depoimento, muitos colegas se sentiram à vontade para afirmar que conhecem ou já conheceram pessoas que passaram por essa situação e que o apoio de algum familiar também é de suma importância, bem como o apoio da escola e da equipe pedagógica em si.

Outros alunos levantaram a questão de atentados em escolas e o medo que sentem em relação a isso. O primeiro caso citado – e um dos mais famosos - foi o de Columbine High School, ocorrido no ano de 1999 nos Estados Unidos, e que a maioria já tinha conhecimento de como havia ocorrido. O massacre ocorrido em Suzano também foi citado, pois ainda estava muito recente na memória dos alunos.

Uma aluna afirmou que apesar de casos ocorridos fora do país assustarem a população e, em especial os estudantes, eles nunca imaginam que um caso como esse pode acontecer “perto” deles, ou seja, no Brasil. Afirmou também que o massacre ocorrido em Suzano serviu como um alerta para aqueles que praticam o bullying, pois essa atitude, em sua concepção, só traz consequências negativas para quem sofre, para quem pratica e, às vezes, até para quem não está envolvido diretamente.

A entrevista com o grupo focal aconteceu no dia 26 de setembro de 2019, também com alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Apesar de o convite da entrevista ter sido feito para ambas as turmas, apenas quatro alunos aceitaram participar, pois os demais ficaram tímidos e optaram por não participar. Para a realização da mesma, foi escolhido um lugar calmo e livre de interferências, e, por mais que houvesse um roteiro pré-estabelecido, foi interessante observar que os próprios alunos foram conduzindo suas falas, de modo a ressaltar sua própria visão sobre o tema. Os nomes mostrados aqui foram alterados para proteger a identidade dos estudantes.

João foi o primeiro a tecer seus comentários sobre o tema. Para ele, o bullying é uma forma de diminuir os outros, principalmente quando se nota alguma diferença entre uma pessoa e outra e isso é usada para tratar mal alguém. Para ele, existem diferenças entre brincadeira e bullying. Em sua concepção, se não for uma ofensa, pode se considerar brincadeira, mas se não, é bullying, porém, muitas vezes é difícil saber pois as pessoas guardam o que sentem para si. João conta que tem um amigo que é gordo e brinca com ele sobre isso. Ele relata que perguntou se havia algum problema com esse tipo de comentário e seu amigo disse que não. O aluno Mateus complementou a fala do colega dizendo que se o colega se sentiu ofendido em algum momento, o diálogo é sempre bem-vindo para que eles possam resolver esse problema de forma pacífica. Também de acordo com João, quem pratica o bullying possui problemas e não sabe como resolvê-los, e por isso acaba descontando nas outras pessoas

O aluno Daniel sofre de gagueira e segundo ele, isso é um problema em seus estudos, pois além da própria gagueira, a timidez também o atrapalha dentro da sala de aula. Para ele, algumas pessoas banalizaram o bullying de tal forma que sequer percebem quando praticam e que as vezes, algumas pessoas querem chamar atenção e se utilizam do bullying para conseguir ser aceito, e muitas vezes também inclui ou exclui outras pessoas de algum grupo. Ele relata que quando era mais novo não percebia como o bullying funcionava, mas que agora ele não só percebe como também acredita que é extremamente errado praticar este ato. Ele relata que por conta de sua gagueira, era sozinho e não possuía amigos, mas agora faz parte de um grupo e não se sente mais excluído. Ele sofria bullying no ensino fundamental e chegou a sofrer no primeiro ano do ensino médio, mas isso teve fim depois que a escola e o diretor interviram. Daniel também diz que a equipe escolar procura chamar o agressor e a vítima para conversarem e resolverem tudo de forma racional, mas reconhece que em alguns casos nem sempre isso é o suficiente.

O aluno Cássio relata que o bullying mexia com sua autoestima e que ele perdia a vontade de fazer até as coisas mais simples no dia a dia, inclusive de ir à escola, por medo de sofrer uma nova violência. Por conta disso, começou a se isolar e não conseguia mais socializar com novas pessoas na escola. Porém, com o apoio da família e da equipe escolar, ele conseguiu superar esse trauma e voltar a ter um rendimento satisfatório no âmbito escolar, assim como também voltou a socializar com os colegas de turma.

O aluno Mateus relatou um caso que viu na TV, em que um aluno esfaqueou outro por causa de constantes xingamentos e brincadeiras que o afetavam, e comentou que as vezes as pessoas recorrem à soluções drásticas e violentas para acabar com o bullying. Ele comenta que não sofreu bullying, porém já presenciou, e muitas vezes se sentia impotente por não saber

como ajudar a pessoa que estava sofrendo. Na época em que esta conversa com o grupo focal foi realizada, o incidente da escola Raul Brasil ainda estava vívido na memória dos estudantes, que relataram o quanto isso foi pesado para eles e enfatizaram a importância da escola e da família para a conscientização sobre os malefícios do bullying.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o fenômeno do bullying tem ganhado notoriedade nos últimos anos devido a casos extremos, como por exemplo, os que acabaram em mortes dentro do ambiente escolar. Por mais que estes casos tenham destaque, não foram suficientes para gerar uma discussão aprofundada nas escolas e pela mídia, o que pode acarretar uma visão distorcida, fazendo com que não se compreenda de fato o que é o bullying e a gravidade do problema. De acordo com leituras realizadas e com a pesquisa de campo, é possível notar que mesmo que os alunos saibam o que é o bullying e como ele ocorre, nem sempre esse ato se manifesta naquele ambiente ou é resolvido de maneira efetiva.

O bullying ocorre, predominantemente, com os grupos sociais ditos minoritários e que sofrem preconceito, exclusão e marginalização como negros (as), homossexuais, lésbicas, transsexuais, comunidade LGBTQI+, gordos (as), baixos (as), pessoas com deficiências, entre outros. A análise de Guacira Lopes sobre o espaço escolar, como um espaço heteronormativo e segregador, demonstra esse fato. Dessa forma, podemos afirmar que a escola reproduz as desigualdades e violenta os indivíduos que não estão dentro do padrão social da dita normalidade, ocorrendo a prática do bullying.

Foi com o intuito de averiguar a ocorrência do bullying e as consequências sociais para os estudantes que realizamos a pesquisa e escolhemos como campo de análise o CEM Félix Camoa. A partir dos métodos empregados, foi possível notar que os estudantes dessa escola possuem uma percepção sobre o que é o bullying e como ele funciona, no entanto, atribuem todos os tipos de gozação, piadas e até mesmo violências esporádicas como sendo bullying, o que não corresponde ao conceito, pois este está ligado à violência constante e repetitiva entre dois ou mais indivíduos.

Em seus relatos, tanto nas rodas de conversa quanto na entrevista com o grupo focal, foi possível notar que os estudantes utilizam bastante a ferramenta do diálogo para resolver qualquer problema que o bullying possa vir a causar a eles. No entanto, nos questionamos se a realidade realmente coaduna com essas afirmações ou se esses estudantes minimizam a violência sofrida (ou efetuada) e projetam uma realidade ideal, já que a bibliografia sobre o tema tem demonstrado as dificuldades encontradas para acabar com o fenômeno da violência no espaço escolar, como discutido anteriormente.

Observamos, também – apesar das falas serem no sentido da resolução dos conflitos e sem ênfase nos prejuízos – que alguns deles se expressaram sobre o sofrimento e as dificuldades

que enfrentaram em alguns momentos da vida escolar; como a menina que sofria gozação por ser muito baixa e Daniel que passou anos lidando com as piadas e gozações por ser gago.

Dessa forma, inferimos que a não aceitação das diferenças, os preconceitos e as discriminações podem causar vários tipos de violências no espaço escolar e o bullying é uma delas. Torna-se importante discutir a temática no âmbito das pesquisas e das escolas, pois o conhecimento pode ser um instrumento de transformação, fazendo com que a escola seja receptiva às diferenças, e demonstre o quão importante elas são para a constituição da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. *Psicologia & Sociedade*; 20 (1) 33-42, 2008.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. **Las consecuencias del bullying em la auto-estima de adolescentes**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 131-138, June 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100014&lng=en&nrm=iso>.

BARROS P.; CARVALHO, J.; PEREIRA, M.; **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar**. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>>.

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar**.

BORGES, Camila Delatorre; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites**. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 74-80, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010&lng=pt&nrm=iso>.

BAZZO, J. **Por uma antropologia do bullying: etnografia de experiências multilocalizadas em torno da tipificação de um gênero de violência difusa**. In: V Reunião Equatorial de Antropologia/XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2015, Maceió (AL). Anais 2015: V REA/XIV ABANNE, 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais** / AntonioChizzotti. 6. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/3330>>.

EYSENK, H. **Estúdio científico de la personalidad**. Buenos Aires: Paidós. 1971.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2.ed. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Ana Elizabeth Gondim; REZENDE, Luciana Krauss. **Reflexões sobre o bullying na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica**. Universidade Presbiteriana Mackenzie CCBS – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.11, n.1, p. 112-119, 2011.

GVIRTZ, S.; BEECH, J. **Micropolítica escolar e coesão social na América Latina**. In: SCHWARTZMAN, C.; COX, C. (Org.). Políticas educacionais e coesão social: uma agenda latino-americana. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: IFHC, 2009.

LEÃO, Leticia Gabriela Ramos. Revista FACEVV | Vila Velha | Número 4 | Jan./Jun. 2010.

MATTOS, Rafael da Silva; PERFEITO, Rodrigo; CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; RETONDAR, Jeferson. **Obesidade e bullying na infância e adolescência: o estigma da gordura**.

OLIVEIRA, Aryanne Pereira de Oliveira e; MATTOS, Amana Rocha. **Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 445-463, ago. 2019. Disponível

em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812019000200007&lng=pt&nrm=iso.

OLWEUS, D. **Bully/victim problems in school: facts and intervention**. European Journal of Psychology of Education, v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. **Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, nov. 2015 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001103509&lng=pt&nrm=iso.

RAMOS, Ana Karina Sartori. **Bullying: a violência tolerada na escola**. Cascavel/PR: Unioeste, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>.

SILVA, C.; COSTA, B. **Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000300638&lang=pt.

SOUZA, Rafael Benedito de. **Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu**. Revista Ars Historica, ISSN 2178-244X, nº 7, Jan./Jun., 2014, p. 139-151.

TREVISOL, M.; CAMPOS, C.; **Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200275&lang=pt.